

## **PÓS-MODERNIDADE: UM DESAFIO PARA A ÉTICA? \***

Ao defrontar-se com a necessidade de compreender o ritmo e o sentido da sua época, manifestando alguma perplexidade, Paul Valéry escrevia que «o futuro já não é aquilo que era» Não poderá deixar de se reconhecer plena actualidade a este ponto de vista, para um tempo como o nosso em que a racionalidade de raiz iluminista parece viver o seu estágio terminal, senão num exílio perturbado, pelo menos a braços com o seu epílogo.

Intimidada pelas antinomias de uma civilização industrial, cujo primado da tecno-ciência desconhece a sua própria crítica, aquela racionalidade dir-se-ia, para alguns, em declínio, reconhecendo-a como ilusão, senão mesmo como fracasso quase total.

À luz desta perspectiva e se um exigente exame da realidade no-la comprovar, terá de impor-se a necessidade da sua superação. Assim, antes de averiguar se se confirma a inquietante ruína de todo o programa racional antro-po-ético da Modernidade, importa reflectir <nos seus contornos nucleares. Daí que o nosso ponto de partida não possa prescindir de situar no humanismo- renascentista a importante transição das concepções éticas clássicas e medievais para as teses dos moralistas modernos, assinaladas por uma nova mentalidade 9<sup>uc</sup> destacava a pessoa humana individual, as suas ilimitadas capacidades, a sua essencial liberdade, a procura de uma

---

\* Comunicação apresentada ao Colóquio Internacional «Moderno - Pós/Moderno, Universidade Nova de Lisboa, Fundação Calouste Gulbenkian, Lisboa 1988.

plena realização existencial e a sua abertura à salvação. Contudo, desse tempo em diante, o pensamento moral evidencia-nos uma gradual secularização do legado cristão. Na realidade, a razão, afastando-se da fé, predispunha-se a estruturar a vida humana, emancipando-se progressivamente das perspectivas que a fé cristã colocava no horizonte da cultura. Em breve, irá acentuar-se a desvinculação da moral relativamente a uma metafísica e já no Iluminismo, sobretudo com Kant, a autêntica moralidade somente o será, se originada na plena autonomia da vontade e do entendimento. Período civilizacional e cultural de grande optimismo, de autoconfiança humana que, no entanto, a breve trecho será abalado —■ com efeito, era meados do séc, XIX, pelo influxo de Marx, do darwinismo, de Nietzsche e depois Freud, se assiste ao começo de um declínio dessa discursividade da emancipação que constituía o ponto fulcral da Modernidade» Importa destacar que algumas circunstâncias históricas agudizaram o sentimento de precaridade das tradicionais hierarquias de valores, entretanto, ameaçadas por transformações técnicas que alteravam os estilos de vida e, por consequência, anunciavam profunda instabilidade axiológica. Os ideais típicos da Modernidade, dentre os quais avultavam o progresso, a liberdade, a verdade, fundadois numa razão optimista, vão sendo sujeitos a um desgaste progressivo que atinge uma quase total erosão já no nosso século, com as duas últimas confrontações mundiais, mormente a segunda, cujas manifestações de um selvático e irracionalista barbarismo contribuíram decisivamente para, desde então, se instaurar a desilusão, um «cisma na alma» como diria Arnold Toynbee, gerador de um perplexo discurso da crise, marcada pelo amoralismo, incerteza de tudo e negatividade absoluta, de que nos falou Maurice Blanchot a propósito da hora actual.

Ao longo deste século que, dir-se-ia capacitado para realizar os apelos da Modernidade, verificamos, pelo contrário, que a desorientação vital, fruto da ausência de um horizonte axiológico estável, define dramaticamente a situação actual, provocando a fuga para uma insularidade existencial que coloca cada ser humano a braços com a insegurança e uma inquietude que o aniquila afectiva e intelectualmente, mutilando-o >na sua identidade, convertendo-o em juguete das irrupções passionais, presa fácil do poder tecnoburocrático que instrumentaliza e asfixia a dignidade humana.

Neste contexto pós-moderno, em que um certo cinismo niilista tende a destruir o que resta da crença iluminista no progresso moral da Humanidade, o que há de decisivo está em pensar qual o papel determinante e plausível de uma intervenção cultural e moral capaz de anunciar, sem paroxismos, embora na plena consciência de risco, as linhas de rumo para a superação do profundo relativismo que hoje vigora, tributário do avanço de uma racionalidade tecnicista e instrumental, incapaz de promover um horizonte de solidariedade, dignidade e responsabilidade como ideais éticos, geradores de uma civilização que, transitando do produtivismo para o consumismo, basicamente orientado pelo desejo e pelo prazer, parece não ir além, em termos de moralidade, de um discurso de uma medíocre arte de viver, fiel apenas a um hedonismo libertário, cuja fúria insaciável, conduzirá os seres humanos para uma nova modalidade de alienação, justamente apelidada por José Luis Aranguren de «alienação do tempo livre», isto é, «a entrega dessa suposta liberdade aos consumos socialmente prescritos» (\*)♦

Com efeito, se é inexorável ter de reconhecer a crise de civilização, em suma, a crise de valores no tempo presente — e deste modo aceitar, em parte, a tese catastrofista de Jean-François Lyotard acerca do projecto da Modernidade — afigura-se-nos que aquilo que ainda perdura desse projecto não se circunscreve tão só ao desenvolvimento científico e técnico, porquanto entendemos e a *este* respeito, de acordo com Gianni Vattimo, que aquele programa não está anulado <sup>(2)</sup>, mas somente ofendido pelas novas condições de vida forjadas pela civilização industrial, que ocasionaram a crise do Humanismo, hoje quase comprometido pelas megaestruturas da técnica que acentuam as marcas de irracionalidade, massificação e acriticismo evidentes na vida quotidiana contemporânea,

A um tempo, a análise e a crítica da vida actual suscita a incerteza da plausibilidade do projecto ético assente 'numa perma-

---

C<sup>1</sup>) José Luis Aranguren, «Moral de la vida cotidiana, personal y religiosa», Madrid, Tecnos, 1987, p. 45.

(<sup>2</sup>) Gianni Vattimo, «La Fin de la Modernité», Paris, Seuil, 1987, pp. 9-19.

nente experiência de responsabilidade moral regida por um exigente código de deveres; porém, em alternativa a um itinerário que inexoravelmente conduz a um vazio moral, torna-se urgente afirmar a possibilidade de instaurar os prolegómenos que apontam para a esperança numa *outra* civilização, susceptível de promover o desenvolvimento e a autonomia da personalidade humana, uma vez destruídos os mecanismos alienantes que ainda estiolam as aspirações de cada indivíduo à fruição, única e intransferível, de uma existência feliz\*

Ainda, nesta ordem de ideias, pensamos que aquilo que importa não é reflectir melancolicamente na «desintegração das grandes narrativas da Modernidade», mas sim assumir, numa atitude de plena abertura ao futuro, que, à partida, define toda a acção ética, a ideia de que a legitimação do que é justo e bom, não pode resultar dos caprichos de uma sensibilidade meramente inconformista, antidogmática e heterodoxa, mas sim de uma racionalidade que parta de um sempre insatisfeito e insaciável dever de comunicação<sup>^</sup> intersubjectiva. O que há de decisivo no presente pós-moderno, aponta-o singularmente Karl-Otto Apel ao sublinhar a necessidade de se «assumir uma responsabilidade moral face às consequências directas e indirectas da prática humana na época da planetarização da técnica industrial»<sup>(3)</sup>, este é, também, em nossa opinião, o núcleo irrevogável das exigências éticas do pensar actual. De facto, a par de uma inadiável busca de sentido para a acção, é indispensável a formação de uma vontade colectiva capaz de resistir às possibilidades sempre em aberto de retorno a voluntarismos enlouquecidos que fundamentaram sempre os totalitarismos.

Trata-se, assim, de ser fiel a uma racionalidade vigilante, esforçadamente atenta às consequências das suas próprias convicções, logo enpenhada num permanente sentido de responsabilidade crítica, já presente em Max Weber e que, na actualidade, julgamos revelar-se, por exemplo, em diversos movimentos de «remoralização e diálogo», como os designa Aranguren, quer os de cariz ecologista, quer os da contra-cultura ou os de índole pacifista.

---

(<sup>3</sup>) Karl-Otto Apel, «L'Éthique à l'âge de la Science», Lille, Presses Universitaires de Lille, 1987, p. 60.

Encontrar-nos-emos, deste modo, perante uma racionalidade que aposta no diálogo possibilitador de consensos essenciais, sobretudo, em assuntos relativos a todos os seres humanos. Não é outra a direcção do actual pensamento moral ocidental, quer na óptica da Pragmática Universal de Jürgen Habermas, quer na linha do neo-contratualismo de John Rawls, quer na perspectiva de uma ética da comunicação de Karl-Otto Apel, quer ainda na filosofia moral de José Luis Aranguren que, perante o pluralismo moral contemporâneo, não hesita em propor uma «ética cívica» <sup>(4)</sup>, que no âmbito político corresponderá a uma democracia plena.

Pensamos ter deixado claro, considerando os limites para este tipo de comunicação, o fundamental da nossa resposta à questão que serve de título a esta intervenção. Na realidade, a Pós-Modernidade significa um desafio à Ética, não só porque parece dar sinais da extinção de alguns ideais morais da Modernidade, como igualmente levanta, com algum cepticismo, a questão de saber, a um tempo, a situação e o valor da Ética no horizonte vital dos nossos dias, de inegável perfil tecno-científico\* Afinal, tudo se resume à seguinte interrogação: que pde a Ética fazer num mundo como este, onde o avanço implacável do niilismo se opõe à legitimação dos ideais morais?

Na realidade, se, por um lado, assumir a incerteza é no presente uma desesperada, mas lúcida atitude, por outro lado, será flagrantemente absurdo que a injustiça venha a ser, em última análise, o resultado BnaL E digo injustiça, pois outra coisa não advém do irracionalismo axiológico, evidenciado? de uma derrota do pensamento neutralizado pela instintividade neo-hedonista que depressa conduz a um darwinismo social.

Ora, não é no âmbito das fantasias e arbitrariedades do prazer que deve moldar-se a consciência moral, onde se formam os ideais para a vida, porquanto aí, nesse plano primário da existência, nada mais há, afinal, do que um convite ao excesso, cujo ecletismo e relativismo consequentes apenas levam ao oposto do desenvol-

---

<sup>(4)</sup> José Luis Aranguren, «Propuestas Morales», Madrid, Tecnos, 1984, pp. 1131-1134 e Idem, op. cit., p. 94' ss.

vimento, quer dizer, à destruição. Do mesmo modo, uma singular e trágica evidência revela o niilismo como uma modalidade de desorientação na qual o irracionalismo vitalista quase sempre irrompe, contribuindo para o aumento da violência.

Estas são algumas das razões que nos levam a considerar, na linha de Gabriel Mareei, que a Ética não pode ser uma mera «tecnologia da acção»; a moral, abrindo-se ao entusiasmo de viver, tem de reflectir as aspirações do ser humano contemporâneo, mas opondo alguma resistência àquelas transformações que consentem 'a degradação da sua liberdade. Ora na Pós-Modernidade, «a técnica — como escreve Gianni Vattimo — aparece como a causa de um processo generalizado de desumanização, que implica também o obscurecimento dos ideais humanistas da cultura, em proveito de uma formação do homem centralizada nas ciências e nas aptidões produtivas racionalmente dirigidas»<sup>(5)</sup>, a par de um pessimismo face a projectos éticos humanistas — perante isto uma tarefa se nos impõe contra a decepção: justamente a coragem de proclamar, como Séneca, a divisa «homo hominis -res sacra», reconhecendo que não há nenhuma razão aceitáveis para renunciar à luta infatigável em prol de uma racionalidade comunicativa, aberta à compreensão intersubjectiva, tão necessária como aparentemente impossível, mediante uma reconquista reflexiva dos valores que salvaguardam a autonomia da personalidade humana daqueles «poderes homogeneizantes» a que se referiu Henri Lefebvre<sup>(6)</sup> e cuja ânsia quase indomável dir-se-ia dar razão aos que pensam que a «fase moral da nossa cultura (Occidental) terminou»,

A Pós-Modernidade é portadora de um saber que, como escreveu Lyotard, «refina a nossa sensibilidade para as diferenças»<sup>(7)</sup>, contudo, isto só será, quanto a nós, válido se nos reenviar para a experiência onde o decisivo tem de ser o diálogo e não a queda melancólica na insularidade solipsista, caminho para a

---

<sup>(5)</sup> Gianni Vattimo, op. cit, p. 37.

<sup>(6)</sup> Henri Lefebvre, «Le Manifeste Différentialiste», Paris, Gallimard, 1970, p. 49.

<sup>(7)</sup> Jean-François Lyotard, «A Condição Pós-Moderna», Lisboa, Gradiva, s/d, p. 9.

finitude implacável de uma ordem moral onde solidariedade, responsabilidade e dignidade aparecem como a marca do progresso moral.

Justamente nesta ordem de ideias, entendemos que o desafio inegligenciável que a Pós-Modernidade 'nos apresenta, culmina do ponto de vista moral, na afirmação de uma ética estética que, ao que pensamos, acarreta o imperativo de um desenvolvimento da racionalidade, como meio de aperfeiçoar a vida quotidiana de uma civilização que parece ter trocado a esperança messiânica de um Humanismo assente na Justiça e na Liberdade pela decadente fruição de um consumismo ilusório e alienante.

Cabe, por consequência, exigir que a Ética se arrogue como tutela do crescimento técnico e do desenvolvimento científico, capaz de estabelecer os seus inabaláveis limites, evitando uma auto-escravidão dos seres humanos.

Tal objectivo, indissociável de uma Política Humanista, requer, quanto a nós, não um «pensiero debole», um pensar fraco, como escreve Gianni Vattimo (<sup>8</sup>), mas sim um filosofar enérgico e vigoroso, pleno de sentido crítico relativamente aos dogmas dominantes, uma intervenção filosófica e ética apta a lançar os alicerces de uma Sabedoria que, partindo de uma racionalização radical, de uma «Selbstbesinnung», como escreveu Husserl, abra caminho a uma «poiesis» existencial, quer dizer, a uma construção de novas formas de convivência humana mediante um «esforço de lucidez que separe, sem equívoco, a liberdade da alienação», como sublinhou Georges Bastide (<sup>9</sup>), Nisto consistirá, em síntese, o que designamos por vocação ética da Filosofia — tarefa sã e programática para a nossa pós-moderna actualidade em que urge traçar firmemente o rumo prometeico de uma autêntica civilização da Dignidade!

*Luís de Araújo*

---

(<sup>8</sup>) Gianni Vattimo, op. cit., pp. ISL-ilSS. Cfr. também a este propósito, a obra colectiva dirigida por Gianni Vattimo e Pier Aldo Rovatti, «II pensiero debole», Roma, Feltrinelli, 19813.

(<sup>9</sup>) Georges Bastide, «Traité de rAction Morale», Paris, P.U. R, 1981, vol. I, p. 358

## ABSTRACT

Throughout this century supposedly capable of realizing the appeals of Modernity, we verify, on the contrary, that the vital disorientation dramatically defines the current situation. However, this tendency isn't irreversible. Against it, it is possible to reaffirm a revitalization of rationality, from a 'vigilant' attitude that promotes a Dialogue of essential consensus, above all, in subjects regarding all human beings. Subsequently, it is one's duty to demand that Ethics arrogates itself as guardian of the technical growth and scientific development, capable of establishing its unshakable limits and avoid a self-inflicting slavery of human beings.

## RÉSUMÉ

Même notre siècle est appelé à la réalisation des appels de la Modernité, nous constatons par contre que la situation actuelle est définie de façon dramatique par une désorientation fondamentale. Cette tendance n'est pourtant pas irréversible. Il est possible de lui opposer l'affirmation d'une attitude de surveillance susceptible de promouvoir de Dialogue qui rende possible les consensus essentiels notamment dans les affaires qui aient un rapport à tous les êtres humains. Il convient donc d'exiger que l'Éthique prenne sous tutelle la croissance technique et le développement scientifique, définissant ses limites inébranlables et évitant l'auto-esclavage des êtres humains.